

**NÚCLEO HISTÓRICO E
ARQUITETÔNICO DA RUA BATISTA
DE OLIVEIRA E AVENIDA GETÚLIO
VARGAS**

Nota Prévia de Pesquisa

**Patrícia Falco Genovez
Mônica C. Henriques Leite
Paulo Gawryszewski
Raquel de Oliveira Fraga**

**JUIZ DE FORA - MG
CLIO EDIÇÕES ELETRÔNICAS**

1998

FICHA CATALOGRÁFICA

GENOVEZ, Patrícia Falco, LEITE, Mônica C. Henriques, GAWRYSZEWSKI, Paulo, FRAGA, Raquel de Oliveira. **Núcleo Histórico e Arquitetônico da Rua Batista de Oliveira (parte central) e Avenida Getúlio Vargas.** Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. 64 p. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 5)

<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>

1. História de Juiz de Fora
2. História Urbana
3. Patrimônio Histórico

Clioedel

- Clio Edições Eletrônicas -

Projeto virtual do Arquivo Histórico da UFJF

E-mail: clionet@cpd.ufjf.br

<http://www.ufjf.br/~clionet/clioedel>

Endereço para correspondência:

Arquivo Histórico da UFJF

Prédio do CDDC - Campus Universitário

Juiz de Fora - MG - Brasil

CEP: 36036-330

Fone: (032) 229-3750

Fax: (032) 231-1342

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Profa. Dr. Maria Margarida Martins Salomão

Vice-Reitor: Prof. Paulo Ferreira Pinto

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Dr. Murilo Gomes de Oliveira

Diretor da Editora: Prof. Galba Ribeiro Di Mambro

SUMÁRIO

Apresentação	03
1. Aspectos Históricos	13
2. Aspectos Arquitetônicos	36
Rua Batista de Oliveira	
Batista de Oliveira, 144/154	36
Batista de Oliveira, 208	37
Batista de Oliveira, 377	39
Batista de Oliveira, 483	39
Batista de Oliveira, esquina com São Sebastião, 328	41
Avenida Getúlio Vargas	
Getúlio Vargas, 434	43
Getúlio Vargas, 444	44
Getúlio Vargas, 487/489	45
Getúlio Vargas, 513/515	48
Getúlio Vargas, 546/550	48

Getúlio Vargas, 555/565	50
Getúlio Vargas, 796	51
Getúlio Vargas, 860/882	53
3. Fontes	55
Anexos	
Quadro 01	57
Quadro 02	57
Quadro 03	58
Quadro 04	59
Quadro Geral	60

APRESENTAÇÃO

O texto histórico elaborado por **Patrícia Falco Genovez** para o trabalho *Núcleo Histórico e Arquitetônico da rua Batista de Oliveira e Avenida Getúlio Vargas*, quinto volume da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora, foi o resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido por uma equipe composta pela professora Mestre **Leda Maria de Oliveira**, responsável pela parte referente à História Oral; pela consultora em História da Arte, professora Mestre **Maraliz de Castro Vieira Christo**, do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e por duas estagiárias do Curso de História da UFJF, **Daniella Pires de Freitas** e **Raquel Pereira Francisco**.

Uma outra equipe, de arquitetos e urbanistas, complementa o trabalho realizado: **Raquel de Oliveira Fraga**, arquiteta; **Mônica C. Henriques Leite**, estagiária; Professora Mestre **Maria Julieta Nunes de Souza**, consultora na área de arquitetura e urbanismo, do Departamento de Arquitetura da UFJF; e dois consultores externos: Professor Mestre **Antônio Pedro de Alcântara** e Professora Doutora **Dora Monteiro de Alcântara**. Um funcionário do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPPLAN), o arquiteto **Paulo Gawryszewski**, complementa a assessoria por parte da Prefeitura.

A pesquisa integra o projeto *Cidade Humana* da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (IPPLAN) em parceria com a UFJF. Este projeto tem, entre outros objetivos, o tombamento de, aproximadamente, 170 imóveis. A Fundação Centro Tecnológico (FCT) da

UFJF é a responsável pelo gerenciamento financeiro deste projeto, resguardando os direitos dos pesquisadores envolvidos. Os coordenadores são, por parte da Prefeitura, o Diretor de Planejamento do IPPLAN **Álvaro Henriques Giannini** e, por parte da UFJF, o Diretor da Faculdade de Engenharia, na ocasião o Professor **Júlio César da Silva Portela**.

É de fundamental importância esclarecer que as construções abordadas na presente obra fazem parte de um inventário produzido pela empresa *Século XXX*. Para cada um dos imóveis relacionados no inventário, abriu-se um processo, contendo justificativas históricas e arquitetônicas elaboradas com o intuito de instruí-lo. Posteriormente, os processos são encaminhados à Comissão Permanente Técnico-Cultural (CPTC) que emite, ao Prefeito, o parecer sobre o tombamento ou não do imóvel.

Tendo em vista o prazo de razoabilidade estabelecido pelo Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, as equipes, de Arquitetura e História, tiveram quatro meses para finalização das justificativas. Tal realidade de trabalho nos forçou a estabelecer uma metodologia: os imóveis em processo de tombamento foram, portanto, divididos em grupos cujas características históricas apresentam um fio condutor direcionado por aspectos culturais, sociais e geográficos.

Assim, a parte das justificativas elaboradas pela Equipe de História para os processos acompanha o desenvolvimento histórico da cidade de Juiz de Fora de forma cartográfica. Ou seja, a partir de um mapa, foram identificados grupos de edificações que apresentam características históricas específicas e os vários diálogos com o todo já configurado na cidade.

Essa metodologia, além de facilitar o trabalho das equipes e da própria Comissão que relata os processos, é fundamental para que os imóveis não sejam avaliados de forma isolada, o que diminui drasticamente seu valor histórico. Sem a visão de conjunto e do contexto no qual o imóvel encontra-se inserido, é quase impossível reconhecer seu valor enquanto repositório da história do local onde foi edificado e do próprio município. Fatores extremamente importantes para a definição da identidade dos cidadãos de nossa cidade.

Uma identidade capaz de nos conferir a cidadania enquanto juizforanos e, num plano mais amplo, enquanto brasileiros. Cidadania da qual a CPTC, juntamente com o Prefeito, se tornaram guardiães. De suas decisões de tombamento ou não, depende a formação de nossa identidade e, por

consequente, de nossa cidadania. As edificações em processo de tombamento são documentos que testemunham a nossa história. Documentos que não estão guardados em museus ou bibliotecas, estão em nossas ruas à vista daqueles que aqui moram e dos que nos visitam.

Em virtude do tempo reduzido para a elaboração das justificativas acordou-se com o IPPLAN que não seriam feitas as justificativas de prédios públicos e eclesiásticos, assim como das fazendas que circundam o município. O trabalho, portanto, voltou-se para as edificações privadas, localizadas no centro urbano, ficando os demais prédios para um trabalho posterior. Durante o tempo determinado para realização do trabalho, foram feitas algumas exceções, dada a urgência jurídica de alguns processos. Por isso, alguns deles tiveram que ser trabalhados fora do conjunto no

qual estavam inseridos, como por exemplo, a Vila Spinelli (rua Espírito Santo), o armazém do Senhor Manoel Ferreira (avenida Rio Branco) e uma casa na rua Bernardo Mascarenhas. Todos esses imóveis integrarão, na forma de anexo, o texto referente ao conjunto no qual cada um se encaixa. Quanto aos demais, estabeleceu-se os seguintes grupos a serem trabalhados e que foram entregues à Divisão de Patrimônio Arquitetônico e Cultural (DIPAC), nas datas respectivas:

- 1) Praça da Estação (12/04/1998);
- 2) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte baixa (01/05/1998);
- 3) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte alta (19/05/1998);
- 4) Rua Batista de Oliveira (parte central) e avenida Getúlio Vargas (10/06/1998);

5) Bairro Granbery, compreendendo as ruas Antônio Dias, Batista de Oliveira (depois da avenida Independência), Sampaio e Barão de Santa Helena (14/07/1998);

6) Rua Espírito Santo (14/07/1998);

7) Alto dos Passos: avenida Barão do Rio Branco, ruas Moraes e Castro e Osvaldo Aranha (17/08/1998);

8) Avenida Barão do Rio Branco a partir do Parque Halfeld até o Largo do Riachuelo (17/08/1998);

9) Rua Bernardo Mascarenhas, avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio (17/08/1998).

Ressaltamos, ainda, que o conhecimento produzido (as justificativas históricas e arquitetônicas) a partir desse esforço de pesquisa será, posteriormente, reavaliado e, até mesmo, complementado tendo em

vista os dados obtidos após sua formulação. Ele integrará a Coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*, lançada com o intuito de incentivar novas pesquisas, uma vez que levanta pontos e lacunas importantes da história da cidade de Juiz de Fora, do final do século XIX até metade do século XX. Além disso, levanta questões pertinentes em relação à história arquitetônica da cidade. Pode-se, a partir desse trabalho, pensar tais imóveis num outro recorte com uma perspectiva voltada, por exemplo, para a evolução arquitetônica dos prédios em processo de tombamento. Enfim, muitas alternativas se abrem para futuras pesquisas seja na área de história, seja na área de arquitetura ou mesmo de um diálogo frutífero entre ambas.

Chamamos a atenção para o fato de que os textos serão publicados como notas prévias de

pesquisa, tendo em vista que os mesmos não apresentam qualquer alteração em relação ao conhecimento produzido e entregue à DIPAC (órgão competente da Prefeitura responsável pelos processos de tombamento). Houve apenas uma edição mudando o *layout*: duas colunas e formato paisagem. Além disso, em cada processo de tombamento, montado pela DIPAC, segue, além do texto referente aos aspectos históricos, a descrição pontual do respectivo imóvel. Nesta publicação, as várias descrições arquitetônicas aparecem reunidas. No tocante à parte arquitetônica, os textos básicos desenvolvidos pelas professoras Maraliz de C. Vieira Christo e Maria Julieta Nunes de Souza, colocados na forma de anexo nos processos entregues à DIPAC, foram publicados à parte.

Finalmente, cabe-nos realçar as várias pessoas e instituições que contribuíram para esta pesquisa,

recebendo a equipe de história com distinção, profissionalismo e simpatia. Nosso agradecimento também se estende a todos que, gentilmente, contribuíram através de seus relatos e depoimentos. Aceitando o risco de esquecer de algum colaborador, gostaríamos de citar cada uma das instituições e pessoas que tanto colaboraram para este trabalho:

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA UFJF na pessoa do seu diretor Professor Galba Ribeiro Di Mambro e da funcionária e historiadora Carla Suely Campos;

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA na pessoa do seu diretor Antônio Henrique Lacerda e pela colaboração de seus funcionários e historiadores: Elione Silva Guimarães e Francisco Carlos Limp Pinheiro;

- à BIBLIOTECA MUNICIPAL MURILO MENDES, pela colaboração de sua funcionária e historiadora Heliane Casarim Henriques;

- ao MUSEU MARIANO PROCÓPIO, na pessoa de seu diretor Dr. Antônio Carlos Duarte e pela colaboração dos funcionários: Maria de Fátima Araújo Aguiar, Carlos Henrique Saldanha, Rita de Cássia de Andrade Procópio, Eneida Maria de Miranda e Aloísio Arnaldo Nunes de Castro;

- ao ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA, pela colaboração e simpatia com que recebeu a equipe de história, especialmente ao seu organizador, o jornalista, historiador, cronista, pintor, cantor, humanista... senhor Dormevilly Nóbrega;

- à CASA DE ANITA na pessoa do Dr. Marcelo Mega;

- à Divisão de Comunicação da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (DICOM) e aos funcionários que, gentil e pacientemente, atenderam às estagiárias, na busca incansável de processos de construção;

- à Secretaria da SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA que, gentilmente, abriu-nos as portas de seu arquivo;

- ao INSTITUTO GRANBERY, pela grande colaboração de seus funcionários do Arquivo Documental Dr. Lander: Professor Ernesto Giudice Filho e Professora Soraia Maria Lopes da Silva;

- à Diretoria da CASA ESPÍRITA, na pessoa da senhora Aelce Horácio Souza;

- ao MINISTÉRIO DA MEMÓRIA DA IGREJA METODISTA, pela colaboração do senhor Paulo Lima;

- à ASSOCIAÇÃO COMERCIAL pela colaboração de seus diretores e funcionários;

- ao ARQUIVO DO SEMINÁRIO SANTO ANTÔNIO, pela colaboração da funcionária Ozana de Fátima Paiva Cabral Silva e da Professora Beatriz de Vasconcellos Dias de Miranda;

- à SECRETARIA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO de Juiz de Fora;

- à EMPRESA A & S SOFTWARE Ltda., pela assistência na digitalização das fotografias e mapas e pela colaboração valiosa prestada por Adriano Braz Falco Genovez e Silene M. Felizardo Genovez.

Às pessoas que aceitaram dar seu depoimento, contando sobre a história da cidade, toda nossa estima. São elas: Sr. Oswaldo Costa (“Congo”); Dr. Antônio Fernando Vieira Braga, Dr. José João Mokdeci; senhora Mounira Haddad Rahmn, senhor Luiz Carlos

Fazza; senhor Alberto Surerus Moutinho (por ter recolhido informações com outros funcionários do Banco do Brasil: Ary Geraldo, Leon Pereira Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci) e pela entrevista e disponibilidade em abrir seu arquivo pessoal de fotos da cidade; senhor Manoel Borges de Carvalho; senhor José Márcio Peralva; senhor Moysés A. Arbex; Doutor Alberto Arbex; senhora Nual Krayem Arbex; senhora Nabia Farage Miana; senhora Amélia Sfeirr Feres; senhora Cléa Feres Nacif; senhora Ináh Mello de Carvalho; jornalista Mário César Manzolilo de Moraes; senhor Fúlvio Marcos De Landa Júnior; jornalista Natalle Chianello (Natálio Luz); senhor Nildo Tavares; senhor Sebastião Garibaldi Pifano; senhor Luarino Cortes Carvalho; senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser; Dr. Edelo Abraham Assad; Dr. Rubem Sottomayor; senhora Inês Ciuffo; historiadora

Valéria Ferenzini; escritora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro; Dr. Manoel Monachesi; senhor Nilton Soranço; senhor Mário Soranço; senhora Gioconda Soranço; senhor Sebastião Tomaz; senhora Vânia Maria Moreira Ranzoni; senhora Maria da Glória Moreira Ranzoni; senhora Delourdes Conceição Pratini de Almeida; senhor Antônio Vidal Campante; senhora Maria Ignez Michels; senhora Aelce Horácio de Souza; senhor Demétrio Pável Bastos; Padre David José Reis; artista plástica Nívea Bracher; doutor José Carneiro Gondin; senhora Jahira Mattos de Medeiros; doutor Waldemar Medeiros; Padre e Professor Mestre Afonso Henrique Hargreaves Botti; senhor Dormevilly Nóbrega; Irmã Maria Helena Souza de Faria; psicóloga Maria de Lourdes Mascarenhas; Dr. Roberto Villela Nunes; Dr. Hermenegildo Villaça Freitas; senhora Lucy Junqueira Costa Reis; senhora Maria José

Junqueira Villela de Andrade; Senhora Cristina Ribeiro de Castro; senhora Yolanda Maria Junqueira Villela de Andrade Melo; professora Sílvia Maria Belfort Villela de Andrade; professora Vanda Arantes do Vale; senhora Alice Salzer Rodrigues e Sr. Antenor Salzer Rodrigues.

Com todos tivemos a oportunidade de aprender muito mais do que história. Através de seus relatos e dos contatos estabelecidos, todos, indistintamente, nos ensinaram preciosidades, contando sobre suas experiências de vida. A esses, que já consideramos amigos, nosso imenso carinho.

Um agradecimento especial se faz necessário ao Professor Galba Ribeiro Di Mambro, já mencionado enquanto diretor do Arquivo Histórico da UFJF, que prestou seu total e irrestrito apoio à publicação propondo, inclusive a formação da presente coleção. O

Professor Galba, diretor da Editora Clio Edições Eletrônicas, tem nos orientado na edição e constituição da coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*.

Outro agradecimento especial cabe-nos fazer às estagiárias da equipe de história que demonstraram uma dedicação que vai além do profissionalismo. Daniella Pires de Freitas e Raquel Pereira Francisco que trabalharam além das horas propostas, levantando dados e percorrendo arquivos, por respeito e amor à história. Elementos que em nenhum momento faltaram à Professora Leda Maria de Oliveira, incansável nas entrevistas e contatos. Do convívio diário com Leda, Daniella e Raquel ficou a grande lição de que um bom trabalho começa sempre com a humildade e a verdade, numa busca constante e honrada pela dignidade profissional do historiador.

Enfim, muitos obstáculos e problemas estiveram à nossa frente, formando barreiras por vezes quase intransponíveis. Por todos os desafios superados, fica apenas a certeza de que, através de nossa força, o poder de Deus se fez presente.

Patrícia Falco Genovez

Aspectos Históricos

Patrícia Falco Genovez ¹

¹ Doutoranda no programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo de História Regional da UFJF, membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica de História do Brasil (<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>), historiadora responsável pela elaboração final do texto histórico para instrução de processos de tombamento, junto à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

... esses imigrantes se constituíam um elemento reforçador das mudanças nos padrões de atividade econômica e de dominação social, de vez que se tratava de portadores de hábitos de consumo diversificados em relação ao dos extratos mais baixos da sociedade brasileira da época, mas ainda bem menos exigentes do que os grupos senhoriais consumidores de produtos importados; vale dizer, constituíam uma conjugação ideal de capacidade produtiva e disposição para consumir manufaturados pouco requintados, ao alcance da produção local.²

² COHN, Gabriel. Problemas da industrialização no século XX. In: MOTA, C.G. (org). **Brasil em perspectiva**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971. Apud OLIVEIRA, Mônica R. de. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991. Grifo nosso.

Iniciar um texto, que traz como principal objetivo justificar processos de tombamento, com uma citação sobre a importância e o papel dos imigrantes numa economia em plena expansão industrial, pode parecer estranho. Principalmente, tendo em vista que, neste espaço, deveriam ser relatados apenas aspectos históricos dos referidos prédios a serem ou não tombados. Contudo, é impossível ao historiador analisar isoladamente cada construção. A história exige que as mesmas sejam trabalhadas em relação à época que foram edificadas, o local escolhido ou disponível, e o que seu proprietário pretendia deixar evidenciado.

Enfim, ao buscar todas essas questões o historiador encontra conjuntos de proprietários que possuem características específicas, que escolhem determinados lugares para se estabelecerem e construir

suas moradias e casas comerciais seguindo certos padrões, normalmente em voga, na época vivida. Vale dizer que, do ponto de vista histórico, os grilhões da pureza das linhas arquitetônica ou os indicadores de transição de um estilo a outro se tornam mais leves uma vez que a história não escolhe fachada para acontecer. Agir, partindo desses pressupostos, significa mais um passo em direção à nova história que se pretende oferecer às gerações atuais e futuras. Uma história que não se prende apenas nos grandes personagens, nos heróis e nas batalhas, na elite e, como é o caso, no mais belo e puro estilo arquitetônico.

Ao trabalhar o grupo de edificações existentes nas ruas Batista de Oliveira e Getúlio Vargas percebemos, a um primeiro olhar, uma característica que, também, saltou aos olhos, no caso da rua Marechal parte baixa: a presença de imigrantes. Ora,

todos nós sabemos da presença dos imigrantes em Juiz de Fora, sejam eles alemães, italianos, árabes, ibéricos e outros que para cá vieram em menor número. Mas, por quanto tempo manteremos na memória a existência deles? Nas duas dissertações de mestrado, elaboradas por professores universitários, em que os imigrantes são trabalhados, a grande dificuldade ocorre com relação às fontes a serem utilizadas.³ Sem uma preocupação em resguardar as raízes dos imigrantes dentro em breve nem mesmo os olhos dos historiadores identificarão e reconhecerão o papel deles na cidade. É bem verdade que a historiografia tradicional exalta os feitos dos imigrantes. Uma postura que reflete as várias lacunas documentais e, ainda, uma leitura tradicional positivista das fontes

³ OLIVEIRA, Mônica R. de. **Imigração e industrialização...**, op. cit. ARANTES Luiz Antônio Valle. **As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora - 1858/1912**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991.

disponíveis, sem contextualizar as informações obtidas.

O levantamento de dados para formular as justificativas históricas dos processos de tombamento dos imóveis das ruas Batista de Oliveira e Getúlio Vargas nos fez repensar a questão da preservação das informações sobre a imigração em Juiz de Fora. Para a equipe de história, dividida em história oral, pesquisa arquivística e formulação do texto, as surpresas foram muitas. Inicialmente, as dificuldades de encontrar referências sobre o referido assunto nos arquivos; depois, em verificar a alegria dos entrevistados em relembrar o movimento característicos dessas ruas, as atividades comerciais, as pessoas com quem trabalharam, o colorido de uma época que ainda tem suas âncoras nas edificações existentes. Não preservá-las significa por abaixo não só um estilo

arquitetônico representativo de uma época, significa exterminar as referências, informações, sentimentos e o colorido cultural que povoam os inúmeros arquivos instalados nas memórias dos mais idosos que, ao caminharem por essas ruas, contam aos netos o que havia ao lado *daquela casa que nos tempos de menino...*

A riqueza histórica desse patrimônio é incalculável para a história que se pretende hoje, seja ela econômica, social ou cultural, com perspectivas urbanas ou mostrando-a sob novo ponto de vista, a chamada *história vista debaixo*.⁴ Ao permitir a destruição dessas fontes estamos impedindo que novas pesquisas se desenvolvam e negando às gerações futuras o direito de conhecer seus antepassados, de ver

⁴ CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Org). **Os domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

como viviam, a que atividade se dedicavam e onde se estabeleceram originalmente.

Para mostrar como este caminho é viável, propomos um breve exercício metodológico, envolvendo as edificações em foco: na rua Batista de Oliveira os números 144/154, 208, 377, 483 e esquina com a São Sebastião, 328; na avenida Getúlio Vargas os números 434, 444, 487, 513/515, 555/557/563/565, 796 e 860/882. Tomemos, apenas como demonstrativo, algumas diretrizes teóricas da história econômica, da história social e da história cultural para avaliarmos a riqueza de dados que tais imóveis podem suscitar.

Para a história econômica, uma nova fase se descortinou nos recentes trabalhos de pós-graduação nas universidades brasileiras.

Procedimentos que buscaram se alicerçar no manejo de técnicas

*de pesquisa e "corpus" documentais muitas vezes inéditos. Dentre as áreas que, desde então, ganharam impulso maior destacam-se os estudos acerca do mercado interno, de estruturas agrárias da época da escravidão, comércio exterior e industrialização, demografia, história empresarial etc.*⁵

Os trabalhos dos professores, da UFJF, Luiz Antônio do Valle Arantes, Mônica Ribeiro de Oliveira e Anderson Pires são exemplos dos esforços em solucionar as várias lacunas acerca da história econômica da cidade.⁶ Ao trabalharem a questão da imigração, da formação do capital para a industrialização, eles nos fornecem informações que

⁵ FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. "História Econômica". In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (org). op. cit., p. 41.

⁶ OLIVEIRA, Mônica R. de. **Imigração e industrialização...**, op. cit. ARANTES Luiz Antônio Valle. **As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora - 1858/1912**, op. cit.

ainda podemos confirmar ao percorrer a rua Batista de Oliveira e a avenida Getúlio Vargas. Lá estão os imóveis que abrigaram alguns dos alemães, italianos, árabes e ibéricos que contribuíram para industrialização e urbanização da cidade, na transição do século XIX para o século XX. Testemunhos que ainda podem fornecer inúmeros outros dados ainda não trabalhados.

No **número 792-796, na rua Getúlio Vargas**, onde hoje funciona a Feira dos Calçados, localizava-se a firma dos senhores João Surerus e Henrique Surerus, descendentes de imigrantes alemães, nascidos em Petrópolis. Os irmãos e sócios fixaram o negócio em 1886. Vinte anos antes, seus pais vieram para a cidade com a intenção de trabalhar na Companhia União e Indústria. Em um de seus anúncios, os irmãos Surerus especificam o negócio "*em artigos de toda espécie,*

tais como: madeiras, ferragens, cal, cimento, tintas, couros, papéis pintados, ladrilhos, louças, vidros, eletricidade, etc."⁷ Houve também uma serraria e uma fábrica de tecidos de malha, acionadas à vapor e à eletrecidade, onde empregaram cerca de 200 operários. Além dessas atividades, "*manufaturavam carroças de todos os tipos, mas principalmente, carroças de aterro*".⁸ A firma Henrique Surerus e Irmão chegou a fabricar mais de 3.000 carroças, nos últimos anos da década de 10, enviadas para "*os estados de Minas, Mato Grosso, Goiás, Bahia e para quase todos os demais*".⁹

Pela variedade dos artigos comercializados e pelo número de empregos que a firma oferecia pode-se

⁷ **Viagem imperial de Petrópolis a Juiz de Fora por ocasião de inaugurar-se a estrada União e Indústria.** Coleção de artigos publicados no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro em 1861 e no "Diário Mercantil" de Juiz de Fora em 1918. Juiz de Fora: Tipografia Sul, 1919. p. 5.

⁸ Idem.

⁹ Ibidem.

ter uma idéia da importância que a mesma possuía na economia juizforana. Principalmente, se atentarmos para a atividade de outros alemães.

*Schiess com fundição, Krambeck com cortume, Kremer, Weiss e Freesz com fábrica de cerveja, Tesch, Kemper, Jung com açougue, Griese com comércio e oficina de segério, Kelmer com fábrica de carroças e ferraria, Wriedt, Stiegert com olaria, Schupert com engenho de serra e mecânica, Weydt com selaria, Fassheber com farmácia, Hees, Rechner, Schmidt, Gerheim, Daibert e outros mais, estes últimos com o comércio de secos e molhados.*¹⁰

Contudo, é preciso ter em conta que os empreendimentos alemães ocorreram numa conjuntura

específica. E que, há uma série de outros fatores a serem levados em consideração para compreendermos devidamente o crescimento industrial da cidade. *As primeiras indústrias foram instaladas pelos imigrantes germânicos de filiação protestante. (...) no período que vai de 1858 a 1912, 43,07% das indústrias instaladas no município pertenciam a este grupo.*¹¹

Ao contextualizarmos a chegada dos primeiros imigrantes alemães, a cidade, na segunda metade do século XIX, se desenvolvia às margens do Caminho Novo (rua Direita), traçado pelo engenheiro Halfeld. Em termos urbanos o município se concentrava, portanto, ao longo dessa estrada. Em suas margens foram construídos os principais centros de poder: a

¹⁰ **80 - Jährige Wiederkehr zur Erinnerung der ersten eingewanderten Deutschen in Juiz de Fora.** (80º Aniversário da fundação da colônia alemã em Juiz de Fora). Folheto comemorativo, 1937. p. 18.

¹¹ ARANTES, Luiz Antônio do V. op. cit., p. 88.

Igreja, as Repartições Públicas e a Praça Central da cidade, além disso, era o local escolhido pelos "bem nascidos" para construção de seus belos sobrados. Era, por assim dizer, a alma da cidade. Onde figuras importantes transitavam, o comércio da praça fervilhava e o poder se fazia presente, seja através da política, seja através das construções imponentes que se estendiam por toda a rua Direita (atual avenida Rio Branco), confirmando o poder econômico dos barões do café, tornando-o visível e palpável a todos.

Foi logo depois que a vila de Santo Antônio do Paraibuna transformou-se em cidade que o centro do município foi configurado. O vereador Alves Garcia propôs a abertura de cinco novas ruas: rua do Cano (atual Sampaio), Califórnia (atual Halfeld)¹², Imperial

¹² PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do Passado**. Juiz de Fora : Edição do autor, 1966. p. 190. *Conta-se que, numa visita de d. Pedro II à cidade, quando em passeio pelo Morro Redentor, o Engenheiro Halfeld manifestou*

(ou Imperatriz, atual Marechal Deodoro), Santo Antônio e rua Formosa (a rua do Comércio, atual Batista de Oliveira). Estava traçado o centro nervoso da cidade, local de concentração do comércio, da política e da cultura. A preocupação constante com uma urbanização disciplinada permaneceu na década de 1860, quando foi encomendada uma planta da cidade ao engenheiro Gustavo Dodt.¹³

Contudo, com a construção da Rodovia União & Indústria, inaugurada em 1861, com a presença marcante do Imperador do Brasil e de sua corte, o comendador Mariano Procópio, mexeu nos pilares da organização urbana da cidade, deslocando o traçado da Rodovia para fora do perímetro urbano, cuja

ao Imperador o desejo de que essa rua trouxesse o nome de sua Majestade, ao que este retrucou prontamente: "Pois ela se chamará Halfeld".

¹³ **Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 1997. p. 15. Sobre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro ver também ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1915. p. 162 e 163.

concentração já se fazia ao longo da rua Direita. Assim, o comendador deu início à primeira transformação no traçado urbano do município. Além de perder qualquer benefício financeiro por parte da Província, em virtude do alto valor empregado na Rodovia, o comendador Mariano, enfureceu os políticos locais. Não houve preocupação em estabelecer uma estação na cidade, obrigando os moradores a se deslocarem até a Estação de Rio Novo, localizada fora do perímetro urbano, distante três quilômetros do núcleo urbano original, instalado ao longo da rua Direita.¹⁴ A construção da Rodovia trouxe, à cidade, os primeiros imigrantes.

¹⁴ Sobre a questão da rivalidade existente entre Mariano Procópio e os políticos locais, encarregados da defesa dos interesses do núcleo de povoamento instalado originalmente ao longo do Caminho Novo ver GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX.** Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1996.

A chegada da primeira leva de alemães ocorreu na segunda metade do século XIX. Juiz de Fora (Vila de Santo Antônio do Paraibuna) possuía um número bem reduzido de estrangeiros; alguns poucos portugueses e italianos fixados espontaneamente, e uma grande quantidade de escravos (62,3%).¹⁵

*Nesta década [1850] se iniciou a construção da Estrada União e Indústria com o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas, destinando-se ao escoamento de café. Para construção da estrada, Juiz de Fora recebeu a primeira leva de imigrantes europeus; todos alemães. Chegaram, no início, arquitetos, engenheiros, artífices e, além disso, 1.162 colonos para a constituição da colônia de Dom Pedro II.*¹⁶

¹⁵ OLIVEIRA, Mônica R. de. op. cit., p. 48.

¹⁶ Idem. p. 50.

Não podemos perder de vista que a criação da colônia atendeu, em primeiro lugar, aos objetivos particulares do Comendador Mariano Procópio, garantindo mão-de-obra para a construção da estrada União e Indústria, valorizando terras e trazendo recursos do governo para cobrir os déficits de sua companhia.¹⁷

Depois da elite local sair abatida com a definição do traçado da Rodovia, no ano de 1855, por fora da área urbana, gerando uma situação tão difícil que sequer a Câmara foi convidada para a inauguração em 1861¹⁸, a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II configurou-se no novo pesadelo na década de setenta. A estação da tão esperada ferrovia, que na época parecia apenas um sonho, permaneceu no

¹⁷ Idem. p. 57.

¹⁸ A inauguração da rodovia, em 1861, contou com a presença do Imperador D. Pedro II. Sobre a recepção e os convidados e todo o cerimonial que envolveu a inauguração ver GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit.

mesmo lugar onde fora instalada a estação da Rodovia, ou seja, a três quilômetros de distância da cidade.¹⁹ A construção de uma estação dentro do município só aconteceu após a morte do comendador Mariano. Uma conquista, levando-se em conta as forças que estavam em ação no início da construção e o contexto desfavorável.²⁰ A Câmara era muito pobre e foi preciso levantar o dinheiro para o terreno do bolso dos próprios vereadores. O conflito, começou a resolver-se em 1873, após a morte do comendador Mariano Procópio quando, finalmente, houve um movimento no sentido de se estabelecer uma estação na cidade. Em 1875, foram atendidos os apelos, e o Presidente da Câmara enviou cartas de agradecimento aos

¹⁹ ESTEVES, Albino. op. cit., p. 66. Para o major Ignácio da Gama, um contemporâneo, a situação era clara (...) *havia duas forças que lutavam: a União e Indústria, desejosa de povoar, de dar vida à Mariano Procópio (Rio Novo até 1881), e a cidade, que se avolumava na vargem fronteira ao sobrado do juiz-de-fora*

²⁰ Idem. p. 67.

Deputados Provinciais empenhados nesse movimento.²¹

Não foi apenas por capricho que a elite local se interessou pelo sistema viário da cidade. É através dele que a cultura cafeeira irá se expandir, primeiro, através da União & Indústria, depois, através da malha ferroviária.²² A década de 1870 também apresenta a expansão de investimentos na área comercial e industrial no valor de 50,98%.²³ *Em 1875 a Estrada de Ferro Pedro II atinge o município, consolidando sua posição de pólo urbano regional e estimulando imensamente, (...), a produção agroexportadora da*

²¹ Idem. Ver também ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Séries 40, 136, 142 e 164. Sobre a procedência dos deputados relacionados ver ARQUIVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO, livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

²² GIROLETTI, Domingos. **Industrialização de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988. p. 153 a 155.

²³ MIRANDA, Sônia Regina **Cidade, capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1990. p. 102.

*região.*²⁴ A estação na cidade configurou-se, portanto, em ponto essencial para atrair o desenvolvimento e, o movimento de passageiros e cargas trouxe, conseqüentemente, novos ares à economia, incorporando e agilizando áreas antes desprezadas pelo comércio e pelos próprios habitantes.

Já na década de 1880 percebe-se uma grande melhoria na estrutura urbana e nos serviços prestados. Uma evolução que ocorre em meio ao processo de transição da mão-de-obra escrava para o trabalho livre. Os reflexos trazem implicações imediatas na conformação urbana da cidade ao alargar o mercado de consumo interno e ao *redimensionar as articulações e as funções que o setor urbano vinha desempenhando no interior da estrutura agroexportadora.*²⁵

²⁴ PIRES, Anderson. op. cit., p. 121.

²⁵ Idem. p. 121 e 122.

A possibilidade de trabalhar a chegada de imigrantes, conforme veremos ao longo do texto, e suas trajetórias, já exemplificadas através da família Surerus, é apenas um indicativo, entre outros, das possibilidades de pesquisa histórica. Como já exposto acima, ainda faltam análises que tragam à tona a história empresarial da cidade. A permanência e a preservação do local onde tais empreendimentos se estabeleceram é fundamental, principalmente, se pensarmos no esforço dessas famílias manterem essas raízes até hoje, nestes mesmo lugares.

O ambiente da rua Batista e da avenida Getúlio Vargas também nos remete para outra corrente imigratória, ocorrida em fins do século XIX: a dos italianos. É curioso verificar como italianos e alemães estabeleciam seus negócios bem próximos. Um exemplo claro encontra-se na própria escritura de

transferência e ratificação de bens. Nesta escritura, onde consta um terreno que tem frente para a **Getúlio Vargas, número 796**, chegando até a **Batista de Oliveira, número 208**, no qual encontra-se o sobrado que abrigou a firma Surerus e Irmão, são descritas as divisas da propriedade.

*... terreno em forma poligonal,
(...) divisa com Raphael Baroni,
Paschoal Lomonte, Paschoal
Mazzocolli e Francisco Ragoni.
(...) até a rua Batista (...)
dividindo com Manoel Jorge
Fernandes, Salim Calil Estefen,
D. Ignácia Elvira Horta Froes (...)*

26

Um dos vizinhos dos Surerus, o Sr. Salim Calil Estefen, estabelecido na **Getúlio Vargas, número 860/882**, onde encontram-se os comércios: Açougue

Canadá e Padaria Copacabana, obteve seu imóvel em 1925. Segundo o registro de imóveis, o Sr. Salim comprou

*... uma casa de sobrado, com dois pavimentos, instalações elétricas e sanitárias em ambos os pavimentos e fogão econômico no superior, uma avenida nos fundos, com quatro moradias, suas instalações, dependências, na 15 de Novembro, número 860 e 868, confrontando por um lado com Dona Ignácia Elvira Froes, por outro com João Carriço e João Surerus.*²⁷

Ao lado do empreendimento destinado à construção e fabricação de carroças, de propriedade dos alemães Surerus, instala-se um árabe, voltado para atividade de

²⁶ Registro de Imóveis: Cartório Onofre Mendes, livro 3-J, fl. 81, registro n. 1450. Em 12/01/1932.

²⁷ Conforme Registro de imóvel, Cartório do Primeiro Ofício, livro 3-G, fl. 156, número 17.536, de 02/04/1925.

Malharia. Fato demonstrado pela relação de Fábricas de Tecidos de seda e Malharia existentes em Juiz de Fora, em 1930.²⁸ Um empreendimento que continuou a crescer exigindo a construção de um pavilhão destinado à tinturaria na fábrica do Sr. Salim Calil Estefen, em 1937. Com projeto de J. J. Pereira Louro.²⁹ Bem próximo, no número 890, funcionava em 1935, o Cine Teatro Popular e no número 763, a Escola de Engenharia de Juiz de Fora.³⁰

Outro imóvel, o **número 563, da Getúlio Vargas**, em 1929, pertencia a Manoel Sampaio. No local se desenvolvia alguma atividade comercial, conforme indica o pedido para ampliação da construção. Posteriormente, em 1953, o imóvel já

²⁸ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Relação das Fábricas de Tecidos de seda e Malharia existentes em Juiz de Fora, de 1930.**

²⁹ PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICOM) - Processo número 0817/49.

³⁰ MUSEU MARIANO PROCÓPIO. **Catálogo Telefônico. n. 21 - 1935.** Juiz de Fora, 1935.

aparece em nome da sociedade José Antônio e Irmão. Em 1958, a propriedade aparece em nome de José Jacob Antônio. E, em 1967, o prédio situado à Getúlio Vargas, do número 555 até 565, encontra-se em nome de suas herdeiras: Anna José Jacob e Mirza José Jacob. Na década de 80, havia o comércio alimentício Panelão Super Mercado. Novamente, há evidências de outra nacionalidade exercitando atividades comerciais nesta área. Inicialmente, através de um proprietário de nacionalidade brasileira ou português e, depois, com um árabe.³¹ Bem próximo ao imóvel supra citado, há o prédio de **número 546**, na mesma rua. A edificação era de propriedade de João Fontes, industrial já estabelecido na cidade; foi construído, em 1932, pelo

³¹ PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICOM), processo número 1734/53.

mestre de obras José Cavanellas e pelo engenheiro Dr. Ermelindo Spingolon.³²

Um pouco mais adiante, há o imóvel de **número 513/515**, esquina com a rua Batista de Oliveira, no Largo Treze de Maio, de propriedade de Ottamiro de Oliveira, na década de 40. Em 1924, funcionava o botequim e restaurante do Carlos Pagy.³³ O Edifício Dia e Noite, onde funciona o café de mesmo nome e o Rio Hotel, foi adquirido em 1946, mediante pagamento de luvas ao Dr. Dilermano M. C. Cruz Filho, pela sua desistência na compra. O prédio construído pela firma Bargiona, Irmãos e Cia Ltda, passou a Armando Borges Coelho, na década de 60. Em 1965, foi efetuada uma permuta de 50% de uma loja e do terreno que faz frente para o Largo Treze de Maio, rua Batista de Oliveira e Getúlio Vargas, cujos adquirentes foram

³² Idem, processo número 1579/52.

Felippe Salim Andraus, e sua esposa Nabiha Bara Andraus, ambos sírios. Posteriormente, em 1971, esta permuta passou a Wady José Rahme, comerciante naturalizado brasileiro e sua mulher Nabiha Wady Rahme, síria.³⁴ Novamente, percebemos a presença de imigrantes árabes.

Ainda na avenida **Getúlio Vargas, no número 485 a 499**, outro hotel foi construído: o Hilton Hotel, originalmente, chamado Assis Hotel, de propriedade de Maria Madalena Lousada. Nas proximidades, em 1924, havia o comércio de móveis de André Gregorovitz, o depósito de pão de D. Santos e o barbeiro Adelino dos Santos.³⁵

A construção, do ano de 1915, **número 444 da Getúlio Vargas**, de propriedade dos comerciantes Joel

³³ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924.**

³⁴ PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICOM), processo número 5728/46.

dos Santos; Danilo dos Santos e sua mulher Márcia Maria Batituci; Décio dos Santos e sua mulher Joyce Silva Santos, foi adquirido por Jair Machado da Silveira Caputo, Fabiana da Silveira Caputo, Geovane Anselmo Silveira Caputo, *menores incapazes*. O imóvel foi comprado por José Geraldo Pires Caputo e sua mulher em usufruto para o filhos menores.³⁶ No local, em 1924, havia a oficina de bombeiro e caldeiro de Santo Marcolino Tasca. Próximo, no número 395 e 365 funcionavam a quitanda de Antônio Bellini e o ferreiro Antônio Boscaro. No número 486, havia o açougue de Januário Corrêa.³⁷ Neste caso, percebe-se a presença de imigrantes ou descendentes de italianos.

³⁵ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924.**

³⁶ Registro de imóveis, Cartório do 1º Ofício, registro número 24.720. No documento oficial, os filhos menores de idade são tratados como menores incapazes.

³⁷ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924.**

O sobrado, situado nesta mesma rua, **número 434**, foi vendido em 1952 pela família Garcia Rodrigues para João Mockdece e Antônio João Mockdece, sírios.

*A casa de sobrado, construída de tijolos, forrada, assoalhada, envidraçada, coberta de telhas, com instalações elétricas e sanitárias, com um portão de ferro ao lado, cinco portas de aço e oito cômodos no pavimento inferior e no pavimento superior uma sacada e sete cômodos internos com dependências nos fundos. Tudo coberto de telhas, construído em terreno próprio.*³⁸

A efetuação das reformas ocorridas na edificação foi elaborada pela firma Vankurr Ltda. Conforme registro do imóvel a edificação confrontava, em 1952, por um lado, com *Santo Tasca*, por outro com terreno e prédio

[na ocasião] *em construção do Banco do Brasil S. A., pelos fundos e parte de um lado com Ricardo Fortini.*

³⁹ Nas proximidades funcionou a Confeitaria Brasil, o Café Guarany. Conforme depoimento de Luis Visentin, era um café tradicional, com salão de bilhares e jogo de bocha nos fundos.⁴⁰ No local, em 1924, havia a alfaiataria de Francisco Garcia de Lacerda.⁴¹ Outro exemplo de diversidade étnica.

Na rua Batista de Oliveira, o padrão não muda. O **número 483**, *uma casa de sobrado, coberta, com cômodos para comércio, instalações elétricas e sanitárias*, fazia divisa com Nagem José Assad, de outro lado com sucessores de Antônio Sampaio Coelho e aos fundos com Manoel Gonzalez.⁴² O

³⁸ Registro de imóveis, Cartório do 2º Ofício, registro número 11.159.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ver PASSAGLIA, L. A. P. **Pré-Inventário** - Volume II..

⁴¹ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924.**

⁴² PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICOM), processo número 3355/46.

referido prédio foi vendido, em 1946, a Eduardo Bark, libanês, por José David Assaf e Salim Canaan. Bem próximo, em 1924, havia o Bazar de José Pinto, a oficina de bombeiro e caldeeiro Andréa Apprato e o Commercial Club.⁴³ Verifica-se a mesma diversidade étnica. Outra referência que devemos reportar e somar a esta variedade é a da firma Surerus e Irmão, cujos galpões faziam frente para a **Batista de Oliveira, número 208**. Nesta quadra há vários referências arquitetônicas que continuam como testemunhos da imigração alemã e de outras etnias, como é o caso do **número 154**.⁴⁴ Trata-se de um conjunto que, pelos registros de imóveis, revela a presença não apenas de alemães mas também de árabes e ibéricos.

Um outro prédio, o **número 377**, foge um pouco da lógica do local. Por ser um imóvel do Estado, onde

⁴³ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924**.

hoje funciona o Alberque, ele é um indicativo da política pública empreendida pelo governo de Antônio Carlos e um belo exemplo das preocupações urbanas voltadas para a questão da segurança. Com projeto de Lourenço Baeta Neves e construção da Cia. Pantaleone Arcuri, o prédio foi inaugurado em 1928, com a presença do presidente da Câmara Municipal, senador Luiz Barbosa Gonçalves Pena e de outras autoridades. O edifício das Repartições Policiais abrigou a estação radiotelegráfica da Polícia local. Na ocasião foram trocadas várias mensagens entre Juiz de Fora e Belo Horizonte.⁴⁵

Um dado importante a ressaltar é a dificuldade do município em estabelecer um prédio definitivo para a cadeia. Em 1871, a lei provincial número 1816

⁴⁴ Ver PASSAGLIA, L. A. P. **Pré-Inventário** - Volume I.

⁴⁵ OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juizforanas**. p. 203, 211, 93, 174, 181, 166 e 178. Consultoria: Maraliz de C. Vieira Christo

autorizava a construção de uma nova cadeia. No local foi construído, seis anos depois, o Fórum. Em 1881, novamente, a Câmara Municipal adquiria um terreno para a construção da cadeia. Desta vez na esquina da rua do Imperador com a rua Espírito Santo. No mesmo ano da inauguração do prédio da Batista de Oliveira, 1928, a Câmara iniciou a construção de uma cadeia de transição, local onde instalou-se o Instituto de Laticínio Cândido Tostes. Essa providência foi importante porque o presídio e as Delegacias vinham funcionando num prédio alugado, no Largo do Riachuelo, uma vez que a cadeia construída na esquina da Espírito Santo estava sendo demolida para a construção da Escola Normal Oficial, do mesmo projetista.⁴⁶

⁴⁶ Idem.

O imóvel da rua **São Sebastião, número 328**, esquina com a Batista de Oliveira, construído em 1912, possui as mesmas características dos demais prédios: residência com loja comercial. Nas suas imediações funcionou a Sociedade Portuguesa. Hoje, segundo o depoimento da Senhora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, existem duas sociedades. Uma delas, a Sociedade Portuguesa, está instalada próxima ao Aeroporto da Serrinha. A outra, é a Associação de Cultura Luso-Brasileira.⁴⁷ Outro empreendimento próxima era a fábrica de tecidos Surerus e Irmãos e a carpintaria de Alfredo Simões de Figueiredo.⁴⁸ Indícios que comprovam a diversidade étnica, também, na rua São Sebastião.

⁴⁷ Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pela senhora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, escritora e professora universitária

⁴⁸ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. **Almanaque Comercial de 1924.**

Não é apenas para a história econômica que estes indícios, colocados acima, são preciosos. Eles, também, podem desvendar inúmeras lacunas de outras áreas de nossa história. Os depoimentos de várias pessoas dão um colorido a mais em termos culturais e sociais do ambiente vivido nestas ruas no início do século. A variedade comercial pode ser comprovada através de várias fontes, além das orais. Estes *corpus* documentais são, normalmente, usados para a linha de história urbana que, voltada para as fachadas e estrutura urbana pode abrir espaço para desenvolver, em outra perspectiva, a questão da imigração e outras ligadas a aspectos sociais. A manutenção de alguns laços, e a incorporação de outros traços culturais, constituem-se em novos nexos a serem explorados na compreensão dos processos de urbanização e industrialização. O caso da dificuldade em estabelecer

o local para a cadeia, é mais uma evidência das preocupações sociais no processo de urbanização. A utilização e preservação dessas fontes de pesquisa podem abrir alguns núcleos a serem desenvolvidos, como: as funções da cidade e seu vínculo com o fomento da urbanização; os efeitos da vida urbana sobre os ciclos vitais dos indivíduos, sobre o trabalho e a família; as mudanças espaciais e ecológicas na cidade, provocadas pelo desenvolvimento econômico e social.⁴⁹

Em várias passagens dos depoimentos os dados culturais e sociais saltam das lembranças daqueles que falam de seus vizinhos, da freguesia e do movimento do comércio. É urgente perceber que *a cidade é um fato cultural, um caldeirão de impressões, de*

⁴⁹ RAMINELLI, Ronald. "História Urbana". In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (org). op. cit., p. 189 e 190.

*sentimentos, de desejos e frustrações.*⁵⁰

Principalmente, se levarmos em consideração as inúmeras etnias que congregavam nas ruas do centro da cidade, mais especificamente, na Batista de Oliveira e Getúlio Vargas. Ruas de variedade não apenas étnica mas, sobretudo, comercial.

Através dos quadros que compõem o anexo 01, é possível verificar, com base nos almanaques e catálogos telefônicos, a fixação de um tipo de comércio voltado para as necessidades do cotidiano e preços mais populares. Essas ruas, usualmente, recebiam transeuntes que iam e vinham das fábricas de menor porte, nelas fixadas, e daquelas situadas nas proximidades da Praça Antônio Carlos. Não possuíam, portanto, o *glamour* e nem o requinte das ruas Halfeld e Barão do Rio Branco.

⁵⁰ Idem. p. 195.

A complexidade do coração da cidade também é transparente na relação das fábricas de tecidos e malharia existentes em 1930, fonte já utilizada acima. Nesta relação aparecem árabes: Simão Gabriel Estefen, Bechara Calil Estefen, Segen Calil Estefen, Salim Calil Estefen, Segen Gabriel, Abrahão Moysés, Salim Canaan, Jaffeth, Garcia Couri; alemães: Surerus e Avellar Werneck e um italiano: Besaglia. Em outros ramos comerciais, continuam a predominância de: árabes (Abdalla, Gattás, Coury Jabour, Estefen), italianos (Bellini, Boscaro, Tasca), alemã (Surerus) e ibéricos.

Contudo, fica uma questão: como nacionalidades tão diversas conseguiram conviver lado a lado no comércio juizforano. Para responder tal questão foram entrevistados comerciantes do local, alguns deles representantes de suas colônias. Para o

Dr. Édelo Abraham Assad, *a convivência era boa, porque eram pessoas civilizadas e não havia disputa de comércio, por serem bastante diferentes os ramos.*

⁵¹ Lembra-se que perto do comércio do tio, Sr. Nagem Assad, havia *um barbeiro, descendente de italianos, Visentin; e, a Casa Sottomayor.* O Dr. Rubem Sottomayor, um dos donos da ótica de mesmo nome, lembra-se que a mesma funcionava na Batista, número 522, e que o sobrenome da família tem origem ibérica, o avô era português. ⁵²

O mesmo sentimento de fraternidade aparece no depoimento do psicólogo Antenor Salzer Rodrigues, que tinha uma avó italiana e um avô alemão. Ele se lembra do ambiente democrático no qual foi criado e que, o avô dizia *nunca ter ouvido menosprezo de*

⁵¹ Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pelo Dr. Édelo Abraham Assad, advogado.

⁵² Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 07/06/1998, pelo Dr. Rubem Sottomayor, médico oftalmologista.

ninguém. ⁵³ Para a Dra. Inês Ciuffo, a convivência também era ótima. *Em frente à nossa floricultura tinha o Assad, uma loja de atacado. Ao lado do Assad tinha a Ótica Sotto Maior. Tinha também uma charutaria que pertencia a um judeu.* Ela também se lembra do barbeiro Néelson Visentin e do alfaiate Oscar Ribeiro. *Na esquina tinha um café e, perto um açougue de propriedade de portugueses. Havia também um mulato brasileiro, muito educado, com uma loja de armarinho.* ⁵⁴

Em todos os depoimentos, curiosamente, a característica capaz de manter tantas nacionalidades num pequeno espaço, vivendo harmoniosamente era, justamente, o fato de serem diferentes. Eles tinham origem, religião, cultura, culinária, valores e o ramo

⁵³ Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pelo psicólogo Antenor Salzer Rodrigues.

⁵⁴ Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 05/06/1998, pela Dra. Inês Ciuffo, cirurgiã-dentista.

comercial diferentes. E, era isso que os unia. Mais uma vez, vale ressaltar a riqueza de nossa história e o quanto falta para nos descobrirmos. Somos formados a partir desse *caldeirão* cultural, harmonioso e fraterno. Quantas trocas culturais já foram realizadas? O que continua de original nas festas realizadas por essas diversas colônias? O que já foi absorvido e passou a integrar o que conhecemos como cultura juizforana? As escolas de formação protestante e católica já mostram a necessidade de uma formação diferente, não apenas com relação a preceitos religiosos mas, principalmente, com relação intrínseca à perspectiva e ideais a serem passados aos jovens. Cada uma dessas etnias construiu suas igrejas com o santo de sua devoção. Mas, como crenças religiosas distintas conviveram e sobreviveram? Como realizavam seus

cultos? Continuam fiéis às suas origens ou já incorporaram mudanças?

A diversidade étnica, cultural, social, tantas vezes comprovada através dos registros de imóveis, das relações de comerciantes, dos catálogos telefônicos e, principalmente, das raízes que ainda continuam através de seus descendentes e da conquista espacial no coração da cidade, concretizada nas construções que abrigaram seus comércios e moradias ainda não foram devidamente trabalhada pela historiografia. Os dados, acima expostos, serviram apenas para um breve exercício de como a preservação desse patrimônio, em seu conjunto, pode contribuir para evidenciar inúmeras outras facetas de nossa história.

Aspectos Arquitetônicos

**Mônica C. Henriques Leite
Raquel de Oliveira Fraga
Paulo Gawryszewski**

RUA BATISTA DE OLIVEIRA

Edificação: Rua Batista de Oliveira, 144/154

A edificação em foco está implantada no alinhamento do terreno junto a via pública e afastada nas laterais, onde situam-se os portões, ladeados por pilastras encimadas por pináculos em forma de globo.⁵⁵ Um dos portões leva a uma varanda coberta

⁵⁵ Conforme relata REIS, Nestor Goulart dos. **Quadro da Arquitetura no Brasil: na Segunda metade do século XIX.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, com a inspiração do ecletismo e apoio de hábitos diferenciado das massas imigradas, aparece as primeiras residências urbanas com nossa implantação, modificando os tipos de lotes e construções.

com chapa metálica ornamentada com lambrequim metálico e recebeu um fechamento com vidro.

A construção do início do século pertence ao estilo eclético e foi edificada sobre base de cantaria irregular que forma um porão de pouca altura com respiradouros retangulares, protegidas por grade de ferro. Possui quatro janelas distribuídas de forma ritmada, com vergas de arco pleno, sendo simples como imposta e sobreverga ornamentada com folhas de acanto em cascata. As esquadrias são de madeira e vidro com bandeira em vidro liso e pequena veneziana.

Nas duas extremidades da fachada há uma pilastra com a base apoiada na fachada que delimita a cantaria, juste com ornato simples e capitel composto. A fachada é arrematada por friso perfilado com ornatos

As edificações foram surgindo com recuo lateral, conservando o alinhamento da via pública, logo depois, recuaram as duas laterais por onde eram feitos o acesso o principal conduzindo a parte social e o de serviço que recebia um tratamento mais singelo.

de enchimento pendente entre as janelas, o entablamento segmentado, cornija perfilada volumosa e platibanda segmentada com balaustrada e frontão curvo ornamentado com motivos florais delicados ladeados por pináculos.

Edificação: Rua Batista de Oliveira, 208

A edificação está implantada, em um grande terreno, junto à via pública, remanescente da antiga Henrique Surerus & Irmão. Abrigava a oficina de serraria de madeira para montagem de carroças de duas rodas, carrinho de mão, esquadrias, portas e janelas, o que justifica a sua forma em galpão.

O imóvel com um pavimento, tem seu telhado encoberto por platibanda⁵⁶ e observa o esquema de composição horizontal correspondente ao das colunas clássicas (embasamento, corpo e coroamento),

(...) a composição arquitetônica objetivava, assim dispôr as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁵⁷

O embasamento é em bossagem (massa imitando cantaria⁵⁸) e limitado em sua parte superior

⁵⁶ Platibanda: moldura de pouca espessura e contínua, mais larga que saliente, que contorna uma construção, acima dos frechais, formando a proteção ou a camuflagem do telhado, contornando as calhas.

⁵⁷ Prefeitura do Rio de Janeiro. “Estudo arquitetônico do Saara”. **Corredor Cultural**. Rio de Janeiro, 1979. p 03, mimeo

⁵⁸ Cantaria: pedras lavradas e cortadas segundo a regra da estetedomia para serem aplicadas as diferentes partes do edifício como constituição das paredes, etc.

por peitoril em ressalto e ladeado por pilastras deslocadas dos cunhais.

O corpo da edificação possui nove vãos com bandeiras⁵⁹ em arco pleno e esquadrias de madeira e vidro, sobrepostas por gradil em ferro, sendo o vão central um grande portal e os vãos laterais, janelas de peitoril.

O coroamento é feito por uma sucessão de frisos trabalhados por fechamentos por telha de capa⁶⁰ e uma platibanda retilínea arrematada por friso trabalhado.

Seu sistema construtivo é típico da arquitetura alemã, utilizada pelos imigrantes em Juiz de Fora, onde são realizados trabalhos de composição da

⁵⁹ Bandeira: em certas envasaduras, principalmente nas dos séculos XIX, chama-se bandeira ou caixilhos, fixo ou móvel, situado na parte superior das portas ou janelas.

⁶⁰ Telha de Capa: telhas que protegem as paredes do castigo das águas revestindo, de preferência, as empenas, lanternins, mansardas.

fachada com tijolos maciços aparentes de cor diferentes, alternando-os.

Os vãos recebem uma moldura de tijolos na largura, alternados em ressalto como no primeiro friso superior. Logo após, a sucessão de frisos do entablamento é feita com fiadas de fechamento do galpão que utilizam respectivamente o tijolo em ressalto, alternado na largura, tijolo corrido em ressalto no comprimento e tijolo em ressalto num ângulo de 45° e as duas últimas fiadas, de tijolos em ressalto, sobrepostos no comprimento. O trabalho da ornamentação continua no fechamento da platibanda.

Houve a supressão de um lanternim de madeira com telhas de cerâmica, retirado nos últimos dois anos e a colocação de um fino chapisco, que encobre o trabalho de cor e o assentamento dos tijolos, mas que pode ser facilmente retirado, recuperando as

características arquitetônicas originais de um belo exemplar que aplicou-se à conjuntura da vinda dos mestres alemães para a construção civil .

Edificação: Rua Batista de Oliveira, 377

O imóvel em dois pavimentos está implantado no limite do terreno, aproveitando toda a testada junto à via pública e as divisas laterais. A composição da fachada apresenta-se, num primeiro momento, interessante. Em análise mais apurada verifica-se uma arquitetura bastante singela e com poucos elementos significantes do estilo, talvez pela função originária da construção, nesta via pública.

Edificação: Rua Batista de Oliveira, 483

Desenvolve-se em dois pavimentos destinados atualmente à atividades comerciais (Casa Guaragil). Implanta-se sobre os limites laterais do lote, alinhando-se à via pública. A edificação pertence a uma fase mais sóbria das primeiras décadas do ecletismo. Nota-se, aqui, características típicas dos sobrados residenciais/comerciais da cidade, como: a divisão horizontal, que pode ser comparada àquela das colunas clássicas, onde o pavimento térreo refere-se à base, dando idéia de solidez e segurança, o segundo pavimento ao fuste e o coroamento do prédio ao capitel.

Possui eixo principal de simetria central e dois laterais secundários. Verticalmente, dividi-se em três segmentos:

- Dois laterais, idênticos, que apresentam apenas uma janela de vão único. As esquadrias são de madeira e os caixilhos retangulares de vidro liso transparente. As pilastras que delimitam esses segmentos são marcadas por traços horizontais que sugerem cantaria⁶¹; reforçando a idéia de solidez.

- Um central que, seguindo a linguagem eclética juizforana de composição, recebe especial tratamento que o destaca. Compõe-se de duas janelas rasgadas, com verga em arco pleno, com esquadrias de madeira, caixilhos de vidro e bandeiras fixas e sem divisões. O balcão em balanço é vazado por balaústres e

⁶¹ - Cantaria - pedras lavradas e cortadas para serem aplicadas às diferentes partes do edifício. A “falsa cantaria” conceitua-se da mesma maneira mas funciona apenas como revestimento, o que se aplica nesse caso.

sustentado por modilhões simplificados. Sua ornamentação é singular, tendo sido aplicados, além da folha de acanto sob a cornija, folhagens entre os modilhões do balcão.

O coroamento da construção é feito por platibanda, onde são encontrados elementos do entablamento grego: arquitrave, friso e cornija perfilada, sustentada por pequenas formas pendentes e encurvada no painel central. A platibanda segue essa mesma movimentação tendo uma folha de acanto, além de pináculos e vasos decorativos sobre pedestais.

Trata-se de um dos últimos representantes dos sobrados ecléticos, remanescente de um período em que a atual rua Batista de Oliveira denominava-se “rua do Comércio”, uma das mais importantes da cidade.

**Edificação: Rua Batista de Oliveira, esquina
com a Rua São Sebastião, 328**

A edificação, em foco, é térrea, originalmente de uso misto e está implantada no limite do terreno, junto à via pública. A área comercial está voltada para a Rua São Sebastião, de onde se estende até o limite lateral do terreno e para a Rua Batista de Oliveira. O outro módulo, inicialmente residencial, prolonga-se pela Rua Batista de Oliveira com entrada lateral, através de varanda, próxima a divisa do lote.

A construção em estilo eclético, difere de outras das Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, por seguir uma orientação retilínea de ocupação de uso misto, enquanto que aquelas apresentam-se em 2 pavimentos.

A edificação é alterada em relação a rua, apresentando um porão baixo e base de cantaria em

toda sua extensão, com altura variável e um friso separando a base da parte superior.

No comércio, a fachada observa o esquema de valorização da trama central, aqui representado pelo campo da esquina, ladeados por dois outros laterais e mais um na Rua São Sebastião. Esses painéis são delimitados por pilastras com base apoiada no friso da cantaria, fuste liso e capitel jônico estilizado.

No segmento central, foram utilizados como elementos compositivos de valorização: a porta de vão maior com bandeira em arco pleno, separada por rigota com ornatos simples, ombreiras ⁶² perfilada com imposta ⁶³, sobreverga de enchimentos, vazada e arquilada, entablamento com ornatos com motivos florais, circulares, platibanda com ornatos retilíneos

⁶² Ombreira - Nome de cada um dos elementos verticais que sustentam as vergas superiormente e que engasgam as soleiras.

⁶³ Imposta - Nome do plano ideal que separa o pé direito da nascente do arco

em baixo relevo encimada por segmento com cartela com a data “1912”, entre folhas de acanto arrematada por frontão curvo interrompendo com uma estática no centro. Nos tramos laterais, as portas seguem o mesmo esquema da principal: com verga em arco pleno e ombreiras perfiladas com imposta.

O último segmento recebeu decoração sobre a porta em arco pleno, com sobreverga com desenho delicado de folhas de acanto estilizadas, em cascata com ornato de enchimento que sobe em direção ao entablamento fazendo com que haja um ressalto no friso perfilado. A platibanda é arrematada por frontão curvo ladeado por um par de jarros.

O painel da fachada da área residencial possui quatro janelas de madeira com venezianas e vidro, sobreverga com painel reto e perfilado apoiada em modilhões. O centro do painel é assimilado por um

frontão curvo com ornamento em forma de concha ladeado por um par de jarros.

Arrematando as fachadas, há um entablamento composto por friso perfilado contínuo, cornija perfilada e volumosa, com gotas em toda a sua extensão e apoiada em modilhões decorados com folhas de acanto, situados nas pilastras. A platibanda retilínea, é segmentada com ornatos de enchimento. Completando o coroamento temos pináculos em forma de fruteiras assentados em cada pilastra.

AVENIDA GETÚLIO VARGAS

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 434

O prédio avaliado possui dois pavimentos e encontra-se implantado nos limites do terreno. Sua

disposição espacial sugere que abrigava, originalmente, uso comercial no pavimento térreo e residencial no superior. Apresenta características formais nitidamente do período eclético, descritas a seguir.

A fachada é tripartida, com o painel central constituído por quatro janelas rasgadas por inteiro, bipartidas, emolduradas, com vergas curvilíneas, separadas por pilar ornamentado e abraçadas por um balcão⁶⁴ em ferro ricamente decorado. Os painéis das extremidades possuem janelas de peitoril, com quatro vergas retilíneas, e sobrevergas com friso perfilados.

No tramo central, o entablamento⁶⁵ é feito com ornatos simples, sinuosos e entrelaçados, divididos

⁶⁴ Balcão = plataforma avaçada descoberta, com parapeito e situada nos andares superiores. Diz-se mirante ou sacada quando os suportes do andar de cima se apoiam no térreo.

⁶⁵ Entablamento = no templo grego, o conjunto de arquitrave, friso e cornija.

também em duas partes interrompidas, acompanhando as folhas das janelas enquanto que nos tramos laterais aparecem frontões de massa com volutas. O corpo central continua sendo enfatizado através da platibanda que é curvilínea com ornatos em fitas ladeadas por pilaretes encabeçados por pináculos. A pilastra⁶⁶ central termina em volutas arrematadas por um elemento em ferro.

A cornija⁶⁷ é retilínea com consoles nos painéis da extremidade, que recebem uma platibanda recortada também ornamentada com as fitas, arrematadas por pináculos semelhantes aos do painel central. Todas as janelas possuem bandeira e esquadria de vidro e madeira trabalhada, são:

⁶⁶ Pilastra = pilar que sobressai um pouco da parede. Dividido como coluna em base, fuste, capitel e/ou arquitrave; às vezes canelado e ornado.

⁶⁷ Cornija = faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais.

- janelas da extremidade com duas folhas e pinásio na bandeira;
- janelas centrais geminadas, constituídas por duas folhas separadas por alvenaria.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 444

A edificação mostra característica do ecletismo, principalmente do início do século, onde se encontra a primeira fase dessa corrente.

O imóvel com dois pavimentos está implantado sobre as divisas do terreno, tendo a lateral direita oblíqua. Inicialmente, o pavimento superior era usado para moradia, recebendo por isso um tratamento mais rebuscado, e o inferior, para comércio.

No primeiro pavimento, há um grande vão para o comércio. O entablamento inferior é feito com

formas retilíneas, modilhões ⁶⁸ de sustentação do balcão e, entre eles, ornatos em folhas. Aparece uma indicação de base da pilastra nas extremidades da edificação, que reaparece na cornija.

A fachada é dividida em três partes, apesar de ser estreita. O painel central possui duas janelas rasgadas esguias, arrematadas por balcão ⁶⁹ com rico trabalho de ferro e as alas laterais possuem janelas de peitoril com ornato em leque e fita. Todas as janelas são com bandeira e as esquadrias de vidro e madeira trabalhada.

O entablamento é feito por um friso perfilado com um leque central e cornija retilínea nas laterais e encurvada na parte central.

⁶⁸ Modilhão - cabeça de viga que sai da parede para sustentar balcões, estátuas, meias colunas, etc...

⁶⁹ Balcão = plataforma avançada descoberta, com parapeito e situada nos andares superiores. Diz-se mirante de sacada quando os suportes do andar de cima se apoiam no térreo.

A platibanda segue o mesmo desenho da cornija, sendo interrompido no centro com volutas e é arrematada por pináculo central em forma de pinha, ladeado por outros pequenos pináculos, de onde descem elementos florais.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 487/489

O presente edifício se insere num contexto urbano em que encontra-se destacado mais de um século da história da arquitetura juizforana, com exemplares ecléticos, Art Déco, Modernistas e de transição entre tais estilos. Trata-se, portanto, de um rico conjunto arquitetônico de importância não só municipal mas, acima de tudo, nacional.

Pertence ao estilo Art Déco⁷⁰, sendo composto por três pavimentos destinados ao uso comercial, com o térreo ocupado por lojas (Luzmar, Serviços em Eletrônica, Loteria Tio Patinhas e Lanchonetes...) e os dois restantes por um hotel (Ailton) implanta-se no alinhamento da Av. Gétulio Vargas, ocupando todo o terreno em seus limites.

Como é característico das composições da cidade a divisão horizontal, pode ser comparada àquelas das colunas clássicas, onde o pavimento térreo refere-se à base, dando idéia de solidez e segurança, o segundo e terceiro pavimentos ao fuste e o coroamento ao capitel. Totalmente geométrico, o prédio é símbolo

⁷⁰ CHRISTO, Maraliz de C. Vieira Christo. “Algumas considerações sobre o Art Déco.” In: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira e SOUZA, Maria Julieta Nunes de. **Art Déco e Patrimônio Histórico**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 1).

de sua época onde imperava o simbolismo industrial da produção em série e do racionalismo.

Verticalmente, possui um eixo de simetria central e quatro laterais secundários que dividem em três segmentos assim compostos:

Dois laterais, idênticos, que apresentam:

- . quatro grupos de janelas bipartidas sendo que, em cada par, uma delas é rasgada e a outra de peitoril. As esquadrias são de madeira e vidro, com caixilhos geométricos de dimensões variadas;

- . balcões apoiados sobre pequenos consoles.

Nos retângulos vazados, recebem trabalho em tubos de ferro;

- . pingadeiras horizontais que delimitam os vãos mais laterais;

- . faixas horizontais e verticais na platibanda, formando uma pequena trama.

Um central, mais simplificado, com:

- . faixa vertical de largura considerável, ligeiramente saliente, que se estende desde o primeiro até a platibanda;

- . quatro janelas de vãos iguais (duas em cada lado da faixa) cortadas por pingadeiras que limitam suas bandeiras. A metade superior desses vãos recebem uma espécie de moldura rebaixada que garante tratamento diferenciado às quinas;

- . faixas horizontais ressaltadas interrompidas pela faixa central;

- . platibanda retilínea coroada por elementos escalonado, que sugere o desenho piramidal de ascendência.

A composição formal - marcada pelo jogo de volumes que se revezam das linhas permitindo a ascendência do edifício e pela perfeita proporção dos

elementos utilizados - confere à construção uma posição de destaque junto às obras da mesma época. É um edifício que marca presença, se impõe e, ao mesmo tempo, convida o espectador a contemplar a parcela da história contada, também pelos edifícios vizinhos.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 513/515

Uma das características marcantes da arquitetura juizforana é o tratamento monumental e imponente conferido aos prédios que são implantados nas esquinas. Eles podem ser considerados como “cartão de visitas” de suas respectivas ruas, despertando a curiosidade das pessoas que passam, em relação ao que virá a seguir.

Representando um dos edifícios mais belos e imponentes da cidade, a presente obra ocupa posição de destaque no contexto Art Déco conformando-se em três e quatro pavimentos, destinados ao uso comercial, sendo o térreo ocupado por lojas (Pastelaria Mundial, Lanchonete Palladar, Diário Regional,...)

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 546/550

A presente edificação possui dois pavimentos destinados à atividade comerciais: no terreno funciona a Drogaria Getúlio Vargas e no primeiro pavimento, consultórios odontológicos. Utiliza o modelo tradicional de implantação, seguido o alinhamento da avenida com paredes erguidas sobre os limites laterais do terreno. Insere-se no Art Déco, com características

próprias desse estilo. Apresenta eixo principal de simetria central, além de eixos secundários laterais.

Destaca-se entre os representantes dos sobrados juizforanos, pois não baseia-se na divisão das colunas clássicas (base, corpo e capitel), constituindo-se em um plano único que se estende do piso (térreo) à platibanda. Vê-se aqui, através do geometrismo puro e da eliminação do simbolismo dos elementos, a racionalidade industrial da produção em série e do racionalismo.

Verticalmente, pode ser dividido nos seis segmentos seguintes:

- Dois laterais (nas divisas) com:

. janelas de peitoril, vãos estreitos, esquadrias de madeira, caixilhos de vidro e bandeiras fixas;

. ornamentos geométricos descendentes (sob os peitoris, com pendentes salientes em altura diversas) e

ascendentes (sobre as vergas, faixas salientes de mesma altura);

. faixas com linhas levemente curvas que fazem referência a motivos geométricos.

- Dois medianos que apresentam:

. janelas rasgadas, vãos estreitos, esquadrias e a parte inferior em madeira, caixilhos de vidro e bandeiras fixas;

. balcões entalados vazados de serralheria em ferro forjado;

. retângulos almofadados como pequenos planos sobrepostos;

- Dois centrais destacado por platibanda com a inscrição “a brasileira” que funciona como elemento de ligação. Como os descritos, anteriormente, possuem os mesmos balcões, grades e janelas além dos

ordenatos almofadados que, aqui, sugerem ascendência.

É um dos únicos edifícios da Avenida Getúlio Vargas ainda revestidos com o pó-de-pedra, material de revestimento típico das construções Déco. Sua composição é essencialmente marcada pela utilização de linhas verticais, o que amplia a perspectiva e a magnitude das construções que procuram marcar, principalmente, dentro desse espírito comercial, sua presença e ascendência no contexto urbano.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 555/565

A edificação está implantada nos limites do terreno, constituída por dois pavimentos. Inicialmente, o uso do pavimento superior para moradia, explica o

tratamento estético de maior preocupação, sendo o inferior, mais simplificado para fins comerciais. Apresenta características ecléticas difundida na arquitetura brasileira especialmente a partir do último quartel do século XIX..

A fachada apresenta uma composição simétrica, constituída por três painéis que são delimitados por pilastras ⁷¹ que vão até a platibanda, apresentando capitel toscano, ornamentados com elementos pendentes.

O painel central apresenta duas janelas de peitoril e verga retilínea, sendo que cada uma é ladeada por pilastras ressaltadas e sob estas aparecem volumes em estuque em forma de retângulos.

Os painéis laterais apresentam quatro janelas rasgadas com verga retilínea arrematada por um

balcão ⁷² de alvenaria em balaustrada ⁷³, apoiado sobre mísulas. As duas esguias janelas de peitoril, também, possuem verga retilínea que ladeiam as janelas rasgadas, separadas com delgadas pilastras que se alinham até a cornija.

A cornija ⁷⁴ é perfilada, encabeçada por uma platibanda que reforça a divisão dos painéis. Recebe na parte central uma ornamentação com elementos orgânicos e, nas laterais, ornamentação com elementos mais retilíneos.

⁷¹ Pilastras = pilar que sobressai um pouco da parede. Dividido como a coluna: em base, fuste, capitel e/ou arquitrave.

⁷² Balcão = plataforma avançada descoberta, com parapeito, e situada nos andares superiores. Diz-se mirante ou sacada quando os suportes do andar de cima se apoiam no térreo.

⁷³ Balaustrada = coluneta redonda ou poligonal de pedra ou madeira, em geral bastante ondulada e modelada, que sustenta o parapeito e corrimão. O conjunto flanqueado por pedestais, leva o nome de balaustrada.

⁷⁴ Cornija = faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais.

O pavimento térreo possui ao centro dois grandes vãos para atender ao comércio e, nas extremidades, portas de acesso ao segundo pavimento.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 796

Exemplar tipo “chalet” com dois pavimentos, implantado no alinhamento da rua com afastamento lateral. No segundo pavimento, aparece um alpendre ⁷⁵ lateral com guarda-corpo ⁷⁶ e pilares em madeira, tendo também passagem em balanço para outra edificação.

Apresenta características típicas do ecletismo, sendo sua construção do ano de 1886, com influência

⁷⁵ Alpendre - peça coberta por telhado autônomo e apoiada diretamente no solo.

⁷⁶ Guarda-Corpo - Nome de grade de balaustrada que resguarda a extremidade dos balcões, janelas, sacadas e portas e dos degraus das escadas pelo lado da bomba. Neste último caso, encimado por um corrimão.

européia; o que era comum a partir da segunda metade do século XIX.

Seu telhado é em duas águas ⁷⁷ com beiral ⁷⁸ forrado, empena ⁷⁹ triangular voltada para a rua e o esquema de composição horizontal da edificação segue uma divisão correspondente às colunas clássicas (embasamento, corpo e coroamento),

(...) a composição arquitetônica objetivava, assim dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes

⁷⁷ Duas águas - superfície plana inclinada de um telhado que vai do espigão a beirada, por onde corre livremente as águas pluviais.

⁷⁸ Beiral - parte do telhado formado por uma ou mais fiadas de telhas, que faz saliência sobre o prumo da parede externa da construção.

⁷⁹ Empena - a parte superior triangular das paredes que alcança a cumeeira, limitada por planos da cobertura, sendo também conhecida como outão ou oitão.

*perseguindo a harmonia das proporções.*⁸⁰

No primeiro pavimento há dois grandes vãos para atender ao comércio, com o mesmo uso desde sua construção, sendo que, anteriormente, a loja vendia materiais de construção e couros para os seleiros e sapateiros. Além disso, verifica-se uma passagem, onde o revestimento da parede é uma cerâmica até 1,00 metro de altura, que leva a outras construções situadas, em um grande terreno que se estende até a rua Batista de Oliveira.

O andar superior possui, atualmente, dois vãos com janelas de peitoril ⁸¹, acrescido da ornamentação existente dos outros dois vãos, que foram fechados a

⁸⁰ Prefeitura do Rio de Janeiro. “Estudo arquitetônico do Saara”. **Corredor Cultural**. Rio de Janeiro, 1979. (mimeo). p. 03.

⁸¹ janela de peitoril - são as mais comuns, nas quais o vão aberto no pano da parede leva peitoril cheio.

menos de dois anos atrás.⁸² Os vãos apresentam moldura retilínea em estuque e pequena cimalha⁸³ superior ladeados por cunhais⁸⁴ sem massa com capitel⁸⁵ ornamentado. Seu entablamento⁸⁶ recebe um friso perfilado e cornija⁸⁷ retilínea que antecede a empena triangular.

Além dos quatro vãos de composição, existia, na fachada frontal, ... *“balcão corrido, protegido por guarda-corpo de ferro(...)”* e *“(...) lambrequim de madeira, num primoroso trabalho de marcenaria que foram retirados, também há menos de dois atrás.”*⁸⁸

⁸² ver **Inventário do Patrimônio Cultural de Juiz de Fora**. fotografia do inventário fornecida pela empresa Século 30 Arquitetura e Restauo.

⁸³ Cimalha: - cornija do entablamento dos templos antigos que funciona como goteira.

⁸⁴ Cunhais - podem ser de alvenaria e massa ou de cantaria, sempre, ressaltados da parede, à feição de pilastras.

⁸⁵ Capitel: parte superior da coluna, acima do fuste.

⁸⁶ Entablamento - no templo grego o conjunto de arquitrave, friso e cornija.

⁸⁷ Cornija - faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais.

Edificação: Avenida Getúlio Vargas, 860/882

Edificação de maior porte devido ao tamanho do terreno, com vocabulário eclético e dois pavimentos. Inicialmente, o pavimento superior tem finalidade de moradia e o inferior de comércio. Esta característica é notada através da diferença do tratamento da ornamentação dos dois pavimentos.

A linguagem utilizada no prédio obedece a linha tradicional, mas nota-se dois esquemas da composição da fachada: a do lado esquerdo, composto de três vãos, e a do lado direito, constituída por cinco vãos. A primeira composição possui uma janela de peitoril e duas janelas rasgadas, por inteiro, que são abraçadas por um balcão⁸⁹ de ferro, apoiado sobre mísulas,

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Balcão = plataforma avaçada descoberta, com parapeito e situada nos andares superiores. Diz-se mirante ou sacada quando os suportes do andar de cima se apoiam no térreo.

delimitados por duas pilastras ⁹⁰, ornamentadas com elementos pendentes, junto ao capitel. Somente as pilastras das extremidades da edificação vão até a platibanda. As vergas das janelas são retilíneas com molduras.

A segunda composição, que é a da direita, é formada por cinco janelas rasgadas por inteiro com vergas retilíneas, com exceção do vão central que possui verga em arco pleno, e moldurada por um elemento triangular intencionando um pequeno frontão. ⁹¹ Os vãos são envolvidos por um balcão protegido por grade de ferro, e apoiado sobre mísulas.

Todas as esquadrias possuem bandeiras e são bipartidas com madeira almofadada e vidro.

⁹⁰ Pilastra = pilar que sobressai um pouco da parede. Dividido como coluna em base, fuste, capitel e/ou arquitrave; às vezes canelado e ornado.

⁹¹ Frontão = extremidade da fachada de um edifício com telhado de duas águas, em geral triangular.

O entablamento ⁹² superior recebe tratamento igual em toda edificação com dois frisos perfilados, cornija retilínea apoiada sobre consolos recortados e arrematado por uma platibanda que é enfatizada com frontão interrompido, ladeado por pináculos, no alinhamento da janela em arco pleno e frontão com arremato central em medalhão, na parte central da segunda composição. A platibanda é ladeada por pináculos sobre os pilares da extremidade.

O primeiro pavimento possui dois grandes vãos para atender o comércio e uma entrada de acesso ao segundo andar na lateral esquerda, através de uma porta de madeira trabalhada e vidro.

⁹² Entablamento = no templo grego, o conjunto de arquitrave, friso e cornija.

3. FONTES

1. ARQUIVOS

1.1. ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA.

Fundo: Câmara no Império

- Séries 40, 136, 142 e 164.

1.2. ARQUIVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

- Livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

- **Catálogo Telefônico. n. 21 - 1935.** Juiz de Fora, 1935.

1.3. ARQUIVO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL.

- **Relação das Fábricas de Tecidos de seda e Malharia existentes em Juiz de Fora, de 1930.**

1.4. PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO (DICOM)

- Processos número 0817/49; 1734/53; 1579/5; 5728/46 e 3355/46.

2. CARTÓRIOS:

* Registro de Imóveis: Cartório Onofre Mendes, livro 3-J, fl. 81, registro n. 1450. Em 12/01/1932.

* Registro de imóvel, Cartório do Primeiro Ofício, livro 3-G, fl. 156, número 17.536, de 02/04/1925.

* Registro de imóveis, Cartório do 1º Ofício, registro número 24.720.

* Registro de imóveis, Cartório do 2º Ofício, registro número 11.159.

3. FONTES ORAIS

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pelo Dr. Édelo Abraham Assad, advogado.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 07/06/1998, pelo Dr. Rubem Sottomayor, médico oftalmologista.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pelo Dr. Antenor Salzer Rodrigues.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 05/06/1998, pela Dra. Inês Ciuffo, cirurgião dentista.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pela professora Valéria Ferenzini.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 06/06/1998, pela senhora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, escritora e professora universitária.

ANEXOS: QUADRO 01

TABELA DE ATIVIDADES COMERCIAIS DAS RUAS
BATISTA DE OLIVEIRA E GETÚLIO VARGAS EM 1891

ATIVIDADES	B. Oliveira	G. Vargas
Açougue	X	X (3) *
Advogado	X	
Agrimensores	X	
Alfaiates	X (2)	X (2)
Barbeiro		X
Chapelaria		X
Carros (oficina de)	X	
Charutaria		X
Dentista		X
Funileiro		X
Ferradores	X	
Hotéis		X (7)
Litógrafo		X
Marmorista		X
Médico	X (2)	X
Secos e molhados	X (5)	X (8)
Farmácia		X
Padaria		X
Litografia	X	X
Litotipos	X (2)	X
Pintores		
Solicitadores	X	X
Serralheiro		X
Sapateiro	X	X (3)
Tinturaria		X

FONTE: **Almanaque de Juiz de Fora - 1891**. Juiz de Fora: Leite Ribeiro & Comp. 1891. OBS: Os números entre parênteses indicam a ocorrência de cada profissão.

QUADRO 02

TABELA DE ATIVIDADES COMERCIAIS
DAS RUAS BATISTA DE OLIVEIRA E GETÚLIO VARGAS
EM 1916

ATIVIDADES	B. Oliveira	G. Vargas
Açougues	X (2)	X (4)
Advogado	X	
Agências diversas	X	X
Alfaiates	X (4)	X (2)
Barbeiro	X (5)	X (4)
Bilhães		X
Botequim	X (5)	X
Confeitaria	X	
Correio de Minas (jornal)		X
Dentista		X
Depósito de lenha	X	
Fábricas diversas e depósitos	X (2)	X (5)
Farmácia	X	X (3)
Fazendas, modas, chapéus e calçados	X (3)	X (2)
Ferrador		X
Ferreiro		X
Folheiro	X	X
Hotel		X
Materiais de construção		X
Médico	X (2)	
Oficinas diversas	X (2)	
Padaria	X (2)	
Papéis, louças e ferragens		X
Parteira		X
Repartições diversas		X (2)
Restaurante	X	

Sapateiro		X
Secos e Molhados	X (10)	X (14)
Serralheiro		X (2)
Tanoeiro	X	
Tinturaria		X
Tipografia	X	X

FONTE: **Almanaque de Juiz de Fora - 1916**. Propriedade e direção de Albino Esteves. Juiz de Fora: Tipografia Commercial, 1916.

OBS: Os números entre parênteses indicam a ocorrência de cada profissão.

QUADRO 03

TABELA DE ATIVIDADES COMERCIAIS DAS RUAS BATISTA DE OLIVEIRA E GETÚLIO VARGAS EM 1935

ATIVIDADES	B. Oliveira	G. Vargas
Automóveis e acessórios		X
Bar e chopp	X	X
Borracheiro		X
Café (torrefação e moagem)		X
Cafés		X
Cafés e bilhares	X	X
Cafés e restaurantes	X (3)	X
Carros e carroças		X
Cereais	X	X
Cinematógrafos		X
Clube e Sociedade recreativa	X	

Comestíveis finos	X	
Comissões e representações	X (3)	
Conservas alimentícias		X
Escolas	X	X (2)
Farmácia	X (4)	X (2)
Ferragens, tintas e presentes		X
Flora medicinal		X
Floricultura	X	
Frutas		X
Fumos e cigarros	X (2)	
Garam e oficina	X	X
Lenha	X (2)	X (3)
Madeira e material de construção		X
Máquinas de costura	X	
Massas alimentícias		X
Pneus, acessórios e reformas		X
Posto de lubrificação		X
Pregos (fábrica de)	X	
Repartições públicas	X	
Secos e molhados	X (4)	X (4)
Sementes de capim		X
Tecidos de malha	X	
Tinturaria	X (2)	X
Tipografia		X
Vassoura (fábrica de)		X
Viação popular		X

FONTE: **Catálogo Telefônico. n. 21**. Janeiro de 1935. Companhia de Eletricidade. Juiz de Fora, 1935.

OBS: Os números entre parênteses indicam a ocorrência de cada profissão.

QUADRO 04**TABELA DE ATIVIDADES COMERCIAIS DAS RUAS BATISTA DE OLIVEIRA E GETÚLIO VARGAS EM 1942**

ATIVIDADES	B. Oliveira	G. Vargas
Acessório para automóveis		X (3)
Aço		
Açougue	X (6)	X (6)
Agentes comerciais		X
Alfaiataria		X (2)
Armarinho		X
Assistência pública e social		
Associações diversas	X	
Automóveis (bateria)		X
Automóveis (ponto de)		X
Automóveis usados (venda de)		X
Bar		X (2)
Bar e café	X (3)	
Bar e restaurante	X	X
Bombeiro e funileiro	X (2)	
Borracheiro		X (2)
Botequins e bebidas		X (3)
Brinquedos (loja de)	X	
Café (torrefação e moagem)	X	
Café e bilhares		X
Café e restaurante		X (2)
Cafés		X (2)

Calçados (fábrica de)	X	X (2)
Caldo de cana	X	
Caminhões e peças		X (2)
Cereais	X	
Chapéus para senhoras		X
Cinematografias	X (2)	X
Cinematógrafos		X
Clube	X	X
Colchoaria		X
Conservas	X	
Couros e arreios		X
Dentista	X (3)	
Eletricidade	X	
Especialidades farmacêuticas	X	
Estabelecimento de ensino	X	X (2)
Farmácias	X (4)	X
Floricultura	X	
Frigorífico	X	
Frutas	X	X
Fumo	X	
Metalúrgica	X	
Produtos químicos		X

FONTE: **Catálogo Telefônico. n. 42.** Abril de 1942. Juiz de Fora, 1942.

OBS: 1- Os números entre parênteses indicam a ocorrência de cada profissão.

2- Os dados relacionados não estão completos.

QUADRO GERAL

**ATIVIDADES COMERCIAIS DAS RUAS BATISTA DE OLIVEIRA (B)
E GETÚLIO VARGAS (G) EM 1891, 1916, 1935 E 1942**

ATIVIDADES	B - 1891	G - 1891	B - 1916	G - 1916	B - 1935	G - 1935	B - 1942	G - 1942
Acessório para automóveis								X (3)
Açougue	X	X (3)	X (2)	X (4)			X (6)	X (6)
Advogado	X		X					
Agências diversas			X	X				
Agentes comerciais								X
Agrimensores	X							
Alfaiataria	X (2)	X (2)	X (4)	X (2)				X (2)
Armarinho								X
Associações diversas							X	
Automóveis (bateria)								X
Automóveis (ponto de)								X
Automóveis e acessórios					X	X		
Automóveis usados (venda de)								X
Bar								X (2)
Bar e café							X (3)	
Bar e chopp						X		
Bar e restaurante							X	X
Barbeiro		X	X (5)	X (4)				
Bilhares				X				
Bombeiro e funileiro							X (2)	
Borracheiro						X		X (2)
Botequim			X (5)	X				
Botequins e bebidas								X (3)
Brinquedos (loja de)							X	
Café (torrefação e moagem)						X	X	
Café e bilhares					X (3)	X		X
Café e restaurante								X (2)
Cafés					X	X		X (2)
Calçados (fábrica de)							X	X (2)

Caldo de cana							X	
Caminhões e peças								X (2)
Carros (oficina de)	X							
Carros e carroças					X	X		
Cereais						X	X	
Chapelaria		X						
Chapéus para senhoras								X
Charutaria		X						
Cinematografias					X	X	X (2)	X
Cinematógrafos								X
Clube					X		X	X
Colchoaria								X
Comestíveis finos					X (3)			
Comissões e representações								
Confeitaria			X					
Conservas					X	X	X	
Correio de Minas (jornal)				X				
Couros e arreios								X
Dentista		X		X			X (3)	
Depósito de lenha			X					
Eletricidade							X	
Escolas					X (4)	X (2)	X	X (2)
Especialidades farmacêuticas							X	
Fábricas diversas e depósitos			X (2)	X (5)				
Farmácia		X	X	X (3)		X (2)	X (4)	X
Fazendas, modas, chapéus e calçados			X (3)	X (2)				
Feradores	X			X				
Ferragens, tintas e presentes						X		
Ferreiro				X				
Flora medicinal					X	X		
Floricultura							X	
Folheiro			X	X				
Frigorífico							X	
Frutas					X (2)	X	X	X

Fumos e cigarros					X		X	
Funileiro		X						
Garam e oficina					X (2)	X		
Hotéis		X (7)		X				
Lenha						X (3)		
Litografia	X	X						
Litógrafo		X						
Litotipos	X (2)	X						
Madeira e material de construção					X	X		
Marmorista		X						
Massas alimentícias						X		
Materiais de construção				X				
Médico	X (2)	X	X (2)					
Metalúrgica							X	
Oficinas diversas			X (2)					
Padaria		X	X (2)					
Papéis, louças e ferragens				X				
Parteira				X				
Pintores								
Pneus, acessórios e reformas						X		
Posto de lubrificação					X	X		
Pregos (fábrica de)					X			
Produtos químicos								X
Repartições diversas				X (2)	X (4)			
Restaurante			X					
Sapateiro	X	X (3)		X				
Secos e molhados	X (5)	X (8)	X (10)	X (14)		X (4)		
Sementes de capim					X	X		
Serralheiro		X		X (2)				
Solicitadores	X	X						
Tanoeiro			X					
Tecidos de malha					X (2)			
Tinturaria		X		X		X		
Tipografia			X	X		X		

Vassoura (fábrica de)						X		
Viação popular						X		

FONTE: **Almanaque de Juiz de Fora - 1891.** Juiz de Fora: Leite Ribeiro & Comp. 1891.

Almanaque de Juiz de Fora - 1916. Propriedade e direção de Albino Esteves. Juiz de Fora: Tipografia Commercial, 1916

Catálogo Telefônico. n. 21. Janeiro de 1935. Companhia de Eletricidade, Juiz de Fora, 1935.

Catálogo Telefônico. n. 42. Abril de 1942. Juiz de Fora, 1942.

OBS: 1- Os números entre parênteses indicam a ocorrência de cada profissão.

2- Os dados relacionados para o ano de 1942 não estão completos.

A obra

*Núcleo Histórico e Arquitetônico da rua Batista de Oliveira e Avenida
Getúlio Vargas / Nota Prévia de Pesquisa*

da autoria de

Patrícia Falco Genovez, Mônica C. Henriques Leite, Raquel de Oliveira Fraga
e Paulo Gawryszewski,

publicada pela **CLIOEDEL** - Clio Edições Eletrônicas -
foi editada e formatada com a seguinte configuração de página:

tamanho do papel: A4,

orientação: paisagem,

margens superior e inferior:

3,17 cm,

margens esquerda e direita:

2,54 cm

medianiz: 0 cm,

distancias do cabeçalho

e rodapé em relação à

borda do papel: 1,25 cm.

O texto foi digitado em

Word 6.0 para Windows,

com fonte Times New Roman 14,

espaço 1,5 e recuo de parágrafo de 1,27 cm.

As notas de rodapé, com mesma fonte, mas tamanho 12.

E as transcrições de mais de 3 linhas

em itálico e com recuo de 2 cm à

esquerda e 0,5 cm à direita.

Os direitos autorais desta obra são propriedade dos autores. A obra pode ser obtida gratuitamente através da BIBLIOTECA VIRTUAL DE HISTÓRIA DO BRASIL <<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>> e reproduzida eletronicamente ou impressa desde que para uso pessoal e sem finalidades comerciais e não sofra alterações em seu conteúdo e estrutura eletrônica.